

OPINIÃO

Os conflitos invisíveis também são quânticos

Rafael Silva (*)

O próximo grande vazamento de dados do mundo provavelmente já aconteceu — só ainda não foi decifrado.

Em um cenário global cada vez mais exposto a eventos inesperados, rupturas geopolíticas e disputas silenciosas por informação, a segurança digital entra em um novo capítulo: um em que proteger dados não é mais suficiente — é preciso protegê-los do futuro.

Crises recentes deixaram claro que o campo de disputa já não é apenas físico, econômico ou diplomático. Existe uma camada invisível, permanente e altamente estratégica em operação: o ambiente cibernético. Nele, ataques a infraestruturas críticas, espionagem digital e manipulação informacional acontecem de forma contínua — muitas vezes antes mesmo que qualquer crise se torne pública. E, nesse tabuleiro, quem controla a informação tem vantagem.

O problema é que a base dessa proteção pode estar prestes a ruir. Hoje, grande parte da segurança digital global depende de algoritmos como RSA e ECC, que sustentam desde transações bancárias até comunicações governamentais. Eles são considerados seguros porque exigiriam milhares de anos para serem quebrados com a tecnologia atual. Mas essa lógica está com os dias contados. A computação quântica promete inverter essa equação — reduzindo esse tempo para minutos.

É aqui que entra uma das estratégias mais subestimadas — e mais inquietantes — da atualidade: o “harvest now, decrypt later”. Em termos simples, significa coletar dados criptografados hoje para decifrá-los no futuro, quando a tecnologia permitir. Não é teoria. É prática. E, em um mundo orientado por dados sensíveis — financeiros, diplomáticos, industriais — isso equivale a construir um estoque de inteligência pronto para ser

explorado no momento certo.

Nesse contexto, a disputa global deixa de ser apenas por território, mercados ou influência. Passa a ser também por capacidade criptográfica. Mesmo atores que não lideram o desenvolvimento da computação quântica entram no jogo ao investir em proteção, interceptação e resiliência digital. O resultado é uma corrida silenciosa, onde a defesa de dados se torna tão estratégica quanto qualquer ativo físico.

A resposta a esse cenário começa a ganhar forma na criptografia pós-quântica (PQC). Diferentemente dos modelos tradicionais, ela foi projetada para resistir a ataques de computadores quânticos, utilizando abordagens matemáticas alternativas, como algoritmos baseados em reticulados. Não se trata de evolução incremental — é uma troca de paradigma.

O movimento já começou. Instituições como o NIST avançam rapidamente na padronização desses novos algoritmos, sinalizando uma mudança inevitável. A questão não é mais se essa transição acontecerá, mas quem estará preparado quando ela se tornar mandatória. Como em toda mudança estrutural, os primeiros a se adaptar tendem a capturar vantagem — os últimos, a pagar o preço.

O ponto mais desconfortável é simples: o risco não está no futuro. Ele já está em curso. Dados estão sendo coletados agora, armazenados agora, potencialmente vulneráveis agora. Em um ambiente global marcado por imprevisibilidade, o tempo deixou de ser um aliado — e passou a ser uma variável crítica.

No fim, a pergunta que fica não é técnica, mas estratégica: as informações que sua organização precisa manter seguras pelos próximos dez anos sobreviveriam a esse novo cenário? Se a resposta não for um “sim” inequívoco, talvez o problema já tenha começado

(*) Diretor Técnico da Futurex.

Google e SpaceX conversam sobre data centers no espaço

O Google e a SpaceX estão em negociações objetivando desenvolver o Projeto Suncatcher, que tem como objetivo final colocar data centers voltados à inteligência artificial em órbita da Terra, informou o Wall Street Journal.

Vivaldo José Breternitz (*)

Google e SpaceX possuem um histórico de cooperação: a gigante das buscas investiu US\$ 900 milhões na empresa aeroespacial em 2015. A potencial parceria surge em um momento estratégico para a empresa de Elon Musk, que se prepara para um IPO envolvendo valores próximos a US\$ 1,75 trilhão, ainda este ano.

Embora Musk diga que data centers no espaço terão custos operacionais reduzidos e que seus lançamentos não enfrentarão as resistências que a construção de novas estruturas como essas em terra vem enfrentando, o setor permanece dividido: relatórios recentes publicados pelo portal TechCrunch indicam que centros de dados terrestres ainda são significativamente mais baratos que os orbitais.

Apesar disso, os líderes de ambas as empresas tratam a migração para o espaço como algo inevitável: Sundar Pichai, CEO do Google, afirmou em entrevista que em uma década os data centers orbitais serão vistos como algo “normal”.

No entanto, outros profissionais da área demonstram ceticismo quanto à possibilidade de que esses data centers no espaço sejam algo “normal”, citando problemas



alexlmx_CANVA

como o fato de que chips de inteligência artificial em órbita sofrerão interferências provindas da radiação cósmica que podem comprometer seu funcionamento, dificuldades para dissipação do calor, pois no vácuo, resfriar equipamentos é algo extremamente complexo e também o impacto ambiental, pois o lançamento de um grande número de satélites em órbita baixa pode prejudicar a atmosfera terrestre e comprometer a segurança de outros satélites e naves espaciais tripuladas.

Mesmo com os obstáculos, o Google está trabalhando no projeto de seus data centers espaciais, tendo como meta lançar um protótipo 2027.

Isso sinaliza que a disputa pela infraestrutura da inteligência artificial acaba de ganhar uma nova fronteira: a órbita da Terra.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Sem preparo, corrida pela IA vira pressão sem resultado

A adoção de inteligência artificial (IA) nas empresas avançou rapidamente, porém sem o mesmo ritmo na capacitação das equipes. A pressão por resultados se tornou comum nos níveis executivos, mas o investimento em desenvolvimento segue limitado. A resposta é um cenário em que a cobrança antecede o preparo.

Pesquisa da WRITER com líderes globais mostra que a maioria das empresas exige adaptação à IA, mas poucas estruturaram treinamento consistente. Esse descompasso aparece na percepção interna. Enquanto executivos consideram a adoção bem-sucedida, menos da metade dos colaboradores concorda. O problema, portanto, não é a tecnologia, mas a execução.

Na prática, os impactos são diretos. Apenas uma parcela reduzida das empresas consegue retorno relevante com IA, apesar de ganhos individuais expressivos de produtividade. Isso indica que o uso ainda é pontual e não se transforma em processos ou resultados corporativos.

Além disso, a implementação em escala continua limitada. A principal barreira segue sendo a falta de preparo das equipes para aplicar a tecnologia em contextos reais.

A pressão sem suporte também afeta a cultura interna. Cria-se uma divisão entre quem consegue avançar de forma autônoma e quem se sente excluído ou



PESHKOVA_CANVA

sobrecarregado. Um desequilíbrio que compromete o engajamento, a qualidade das entregas e a retenção de talentos.

Em alguns casos, decisões de gestão têm sido antecipadas, com cortes baseados em expectativas de automação que ainda não se confirmaram. O risco é perder profissionais que poderiam ser desenvolvidos e, posteriormente, enfrentar limitações na própria implementação da tecnologia.

As empresas que avançam com mais consistência seguem um caminho mais estruturado. Definem estratégia clara, integram o aprendizado à rotina de trabalho, priorizam aplicações com maior impacto e acompanham o desenvolvimento das equipes com métricas objetivas.

A adoção de IA deixou de ser uma decisão tecnológica. É, sobretudo, um desafio de gestão. Sem investimento em capacitação, a tendência é que a tecnologia amplifique desigualdades internas e gere baixo retorno.

Antes de cobrar resultados, a pergunta central deve ser: quanto a empresa preparou suas pessoas para usar a IA de forma efetiva? Sem essa resposta, a estratégia se resume a pressão, não a transformação.

(Fonte: Leo Candido é AI-First Transformation Manager na ARTEFACT e membro do Conselho de IA da Associação Brasileira de Inteligência Artificial e E-commerce (ABIACOM), entidade que reúne representantes de lojas virtuais e prestadores de serviços nas áreas de tecnologia, mídia e meios de pagamento – E-mail: abiacom@nbpress.com.br).

“Responsabilidade da IA” lidera a lista de requisitos das empresas para novas ferramentas de IA

A Jitterbit, líder em automação inteligente, integração e IA responsável, revelou hoje que a era dos projetos-piloto de IA autônoma chegou ao fim, com 78% dos projetos de IA gerando valor real para os negócios. Apesar desse sucesso moderado, impressionantes 95% das empresas ainda aguardam para expandir seus projetos, devido a crescentes preocupações com a segurança. O maior obstáculo entre as organizações e a empresa autônoma não é mais o diretor

financeiro (CFO), mas sim o diretor de segurança da informação (CISO). Essa é uma das principais conclusões do estudo AI Automation Benchmark Report da Jitterbit.

“As organizações já perceberam o valor; agora elas só precisam escalar levando em consideração a responsabilidade e a segurança da IA — especialmente considerando a proliferação e a contaminação de agentes como ameaças reais para as empresas de hoje”, disse Bill Conner,

presidente e CEO da Jitterbit.

Quase metade (47%) afirma que “responsabilidade da IA” (que engloba segurança, auditabilidade e mecanismos de proteção) é agora o fator mais importante na avaliação de novas ferramentas. Para organizações “agentes e orquestradas” com foco em IA, esse número sobe para dois terços. Por outro lado, apenas 15% dos líderes de TI entrevistados descrevem o “orçamento” como um desafio significativo.

News@TI

Grupo Stefanini amplia estratégia global baseada em IA

Em meio à agenda da Brazil Week 2026, um dos mais relevantes encontros de negócios, investimentos e relacionamento entre Brasil e Estados Unidos, Marco Stefanini, fundador e CEO Global do Grupo Stefanini, participa de uma série de eventos em Nova York para reforçar a estratégia de expansão internacional da companhia e consolidar seu posicionamento de consultoria tech global com destaque ao seu pioneirismo em inteligência artificial. Com atuação em mais de 100 países e presença no mercado norte-americano há 26 anos, o Grupo Stefanini considera os Estados Unidos um pilar central de sua expansão global. “Esse é o principal mercado consumidor de tecnologia e um dos maiores polos de inovação do mundo. Estar inserido nesse ecossistema há mais de duas décadas nos permitiu acelerar aprendizados, fortalecer competências e desenvolver uma visão verdadeiramente global de negócios”, afirma Marco Stefanini (stefanini.com).

Editores

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço Informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo,

468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)

Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.